

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE PSICOLOGIA, SERVIÇO SOCIAL, SAÚDE E COMUNICAÇÃO HUMANA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICANÁLISE: CLÍNICA E CULTURA

REFLEXÕES ACERCA DA ESCUTA BILÍNGUE E BIMODAL EM PORTUGUÊS E LIBRAS

JOÃO VITOR HAEBERLE JAEGER

ORIENTADORA: PROFa.DRa. LUCIANE DE CONTI

Dissertação de Mestrado apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Psicanálise: Clínica e Cultura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Porto Alegre
2023

REFLEXÕES ACERCA DA ESCUTA BILÍNGUE E BIMODAL EM PORTUGUÊS E LIBRAS

João Vitor Haeberle Jaeger

Aprovado em 11/08/2023

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Luciane De Conti - Orientadora
Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Profa. Dra. Marta Regina de Leão D'Agord
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Profa. Dra. Lodenir Becker Karnopp
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof. Dr. Gilson de Paulo Moreira Iannini
Universidade Federal de Minas Gerais

Sumário

Lista de ilustrações -----	6
1. De onde falo -----	8
2. Introdução -----	13
3. Metodologia -----	20
4. Surdez e discurso colonial -----	27
4.1 Breve comentário sobre ouvintismo -----	27
4.2 Surdez e Estereótipo -----	31
4.3 Mitos sobre Surdez e Libras -----	46
4.4 Surdez e Surdidade -----	51
5. Fala sinalizada -----	57
5.1 Falar é articular sons de forma significativa? -----	57
6. Narrativa clínica -----	72
6.1 Narrativa clínica – parte 1 -----	73
6.2 Narrativa clínica – parte 2 -----	79
7. Reflexões acerca da escuta bilíngue em Português e Libras -----	82
7.1 Uma escuta simultânea -----	82
7.2 Escutar as formações do inconsciente -----	89
8. Considerações Finais -----	106
Referências -----	109
Anexo -----	115

Resumo

A presente dissertação discorre sobre a escuta na clínica psicanalítica. Parte-se da ideia de que o campo psicanalítico de referencial freudolacanian, habitualmente, mantém uma tradição ouvintista. O ouvintismo, por sua vez, corresponde a um modo de discurso colonial do ouvinte que força o surdo aos modelos culturais do ouvinte, não reconhecendo a língua e modos de vida do surdo. Esse discurso apresenta como uma de suas estratégias o uso de estereótipos que simplificam e cristalizam os modelos de representação do surdo. Como efeito do ouvintismo, é possível encontrar no imaginário ouvinte uma série de mitos sobre as línguas de sinais e os surdos. A pesquisa teve como objetivo geral interrogar e refletir sobre a clínica psicanalítica bilíngue e bimodal com surdos realizada concomitantemente em Libras e Português. Para isso, utilizou-se a metodologia psicanalítica tomando como objeto de estudo um fragmento clínico extraído da experiência clínica do pesquisador com pessoas surdas. O mesmo trata de uma cena em que a paciente fala em português uma frase e, ao mesmo tempo, sinalizando em Libras, fala o oposto. Para discutir e aprofundar o tema, tomou-se como referencial teórico especialmente a obra de Freud e Lacan, principalmente os estudos que versam sobre as formações do inconsciente, para abordar o aspecto psicanalítico da discussão, e autores do campo de Estudos Surdos para fundamentar o argumento no que diz respeito à luta contra preconceitos sobre Surdos e línguas de sinais. A investigação teórico-clínica levantou questões sobre a estrutura e dinâmica da fala em questão e se propôs a ampliar os estudos psicanalíticos de modo a que estes possam também contemplar a fala em diversos canais de manifestação. Além disso, foi fundamental explorar o tema sobre a fala em Libras de modo a apresentar seu estatuto linguístico e reconhecimento de que esta não é inferior à língua oral. Nesse sentido, tornou-se possível escutar o inconsciente manifestado em duas línguas distintas e simultâneas. Para que o trabalho de pesquisa pudesse ser levado adiante, foi fundamental compreender que a escuta não deve priorizar nenhuma língua em detrimento da outra, de modo que ambas devem ser consideradas igualmente e com o mesmo valor. Levando em consideração o fragmento clínico, foi possível produzir um estudo sobre as formações do inconsciente em um contexto bilíngue e bimodal em Libras e Português onde as duas línguas eram faladas simultaneamente. Compreende-se que o tema é pertinente, visto que há poucas produções teórico-clínicas no campo da psicanálise e que o presente estudo não se propôs a esgotá-lo, mas a oferecer elementos que possam servir a futuras pesquisas.

Palavras-chave: Psicanálise, Estudos Surdos, Libras, Clínica Psicanalítica, Ouvintismo.

Abstract

This dissertation discusses psychoanalysis and Deafness. It starts from the idea that the psychoanalytic field of Freudian and Lacanian reference, usually, maintains the perspective of audism. Audism, in turn, corresponds to a colonial discourse of the listener that forces the Deaf to the cultural models of the listener, not recognizing the language and ways of life of the Deaf. This speech presents as one of its strategies the use of stereotypes that simplify and crystallize the models of representation of the Deaf. As an effect of audism, it is possible to find in the listener's imagination a series of myths about sign languages and the Deaf. The general objective of the research is to interrogate and reflect upon the bilingual psychoanalytic clinic with the Deaf carried out concomitantly in Brazilian Sign Language and Portuguese. For this, the psychoanalytical methodology was used, taking as object of study a clinical fragment extracted from the researcher's clinical experience with Deaf people. The fragment presents a scene in which the patient speaks a sentence in Portuguese and, at the same time, signing in Brazilian Sign Language, says the opposite. To discuss and deepen the theme, the theoretical reference was taken especially from the works of Freud and Lacan, mainly the studies that deal with the formations of the unconscious, to address the psychoanalytic aspect of the investigation, and authors from the field of Deaf Studies to support the argument regarding the fight against prejudices about Deaf people and sign languages. The theoretical-clinical studies raised questions about the structure and dynamics of speech in question and proposed to expand psychoanalytical studies so that they can also contemplate speech in different channels of manifestation. In addition, it was essential to explore the field of speech in Brazilian Sign Language in order to present its linguistic status and recognition that it is not inferior to an oral language. In this sense, listening to the unconscious manifested in two different and simultaneous languages was made possible. For the present research to be carried forward, it was essential to understand that listening should not prioritize any language over the other, so that both should be considered equally and with the same value. Taking into account the clinical fragment, it was possible to produce a study about the formations of the unconscious in a bilingual context in Brazilian Sign Language and Portuguese where the two languages were spoken simultaneously. It is understood that the theme is relevant, since there are few theoretical-clinical productions in the field of psychoanalysis and that the present study did not propose to exhaust it, but to offer elements that can make future researches fruitful.

Key words: Psychoanalysis, Deaf Studies, Brazilian Sign Language, Psychoanalytical Clinic, Audism.

1. De onde falo

Falo desde o lugar de ouvinte, reconhecendo e considerando os atravessamentos da cultura ouvinte sobre mim. Falo trazendo comigo as marcas de uma experiência e trajetória de vida eminentemente auditiva tendo como primeira língua uma língua oral, o português, e como outra língua, a Libras. A Libras me é uma língua estrangeira e isso deve ser considerado ao se levar em conta o litoral em que me situo e situo o campo de realização da pesquisa. Sou também estrangeiro no campo onde me insiro. Tomo a estrangeiridade como elemento fundamental a ser considerado, reconhecendo o estranhamento que este pode causar. Desde o lugar de ouvinte também intento compreender o efeito *unheimlich* advindo do contato com pessoas surdas. Meu interesse também diz respeito à acessibilidade. Mas acessibilidade que não se encerra na adaptação do plano arquitetônico nos traçados urbanos, espaços públicos e privados, ou até mesmo no aprendizado de uma nova língua. Acessibilidade, como a trato aqui, antes de tudo, é acessibilidade interna; é fazer da escuta uma dimensão acessível; ouvir a voz do inconsciente independente da língua, oral ou de sinais, que for se manifestar. Com efeito, é se deixar estranhar pela presença do outro; recebê-lo e escutá-lo atento às suas formas de subjetivação. É abrir a porta para o outro, o visitante estrangeiro, e oferecer-lhe hospitalidade, deixando que aconteça aquilo que for acontecer sem qualquer intenção *a priori*, ou um conhecimento pré-estabelecido (Derrida, 2003). Não escapo da condição de ouvinte e preciso considerar que, querendo ou não, sou atravessado também por esses elementos estruturais da construção social. Preconceitos que, muitas vezes, podem ocorrer como pontos cegos da percepção, mesmo fazendo o maior esforço para não agir de forma contrária àquilo que se acredita.

Foi durante a graduação de psicologia que tive o primeiro contato com a temática da surdez. A surdez, naquele momento, estava sendo estudada desde uma leitura clínico-médica e focava no aspecto orgânico da deficiência auditiva. Até então, não havia tido contato com outra perspectiva que

não esta. Posteriormente, conforme ingressei na comunidade surda, a compreensão e entendimento sobre a temática da surdez transformou-se drasticamente. Mais adiante, irei discutir a mudança de perspectiva na abordagem do tema. Agora, atendo-me à minha história e trajetória até o presente que conto de forma breve. Voltemos a quando ainda era um estudante de graduação.

Iniciei o estudo da Libras em uma escola especial para surdos localizada na cidade onde resido, no mesmo momento que ingressei no curso de formação em teoria e clínica psicanalítica. Eu tinha a intenção de, em aprendendo a Libras, empreender na clínica psicanalítica e ampliar o acesso também às pessoas surdas. Até o momento, a interlocução desses saberes parecia impossível. Isso porque eu era tomado por comentários que levavam a uma leitura, que hoje compreendo equivocada, sobre as pessoas surdas e as línguas de sinais. Dizia-se que o surdo teria menos capacidade simbólica, ou até mesmo que a língua de sinais era mais concreta por não usar palavras (aqui, a palavra é estritamente a oralização). Porém, conforme fui me familiarizando com ambas, a psicanálise e a Libras, fui também percebendo o grande equívoco a que essas afirmações conduziam. Afirmações que muitas vezes expressam preconceito e denunciam total desconhecimento do assunto.

Até começar a estudar a Libras, nunca havia tido contato com pessoas surdas, o que me colocava diante de um universo completamente novo. A surdez era um terreno desconhecido para mim. Não conhecia autores que explorassem o tema, nem pessoas com quem pudesse dialogar e me informar. Talvez por desconhecer os caminhos e referências, acreditei que não houvesse quem estudasse o tema, ou sustentei a impressão de que muito pouco havia sido produzido. Conforme adentrei no tema e comecei a me familiarizar, percebi que também estava eu tomado de preconceitos, pois fui encontrando material suficiente para compor meus estudos. Mas à época, quando perguntei à professora se haviam profissionais de psicologia que atuavam especificamente com pessoas surdas usuárias de língua de sinais, obtive uma resposta surpreendente. Ela disse que conhecia uma ou duas pessoas. Uma ou duas pessoas não era um universo amplo e isso me chamou a atenção. Resolvi, portanto, empreender e, logo concluída a graduação, busquei a formação na língua brasileira de sinais.

A partir do momento em que comecei a receber as pessoas surdas em meu consultório, além de ter mais contato com a população e cultura surda, ao longo do tempo, fui percebendo que muitas das fantasias que ouvia a respeito dos surdos não coincidiam com o que eu vivenciava em minha prática clínica. Além de capacidade simbólica, também as manifestações do inconsciente eram muito presentes no encontro com os surdos. Considerando a experiência que vinha tendo, vi-me na posição de trazer discussões sobre o tema psicanálise e surdez para colegas e meio psicanalítico, com o intuito de promover o diálogo e reformulações a respeito do que muito vinha e ainda vem sendo dito sobre o tema. Dessa forma, compreendi ser de grande importância trazer o tema para a academia. Sendo assim, encontrei no programa de pós-graduação em psicanálise da UFRGS a oportunidade para empenhar uma pesquisa, ampliar e contribuir com a produção de conhecimento no campo psicanalítico. O trabalho de pesquisa, portanto, foi conduzido junto ao Núcleo de Estudos em Psicanálise e Infâncias, sob a orientação da Prof. Dra. Luciane De Conti em articulação com seu projeto de pesquisa que visa a compor metodologias, dispositivos e intervenções clínicas. O presente estudo se propõe também a uma ampliação das intervenções em psicanálise, visto que discute a escuta do inconsciente em um contexto bilíngue e bimodal, trazendo para o debate a clínica em outras formas e acessos, além do tradicional modelo pautado pela fala e escuta oralizadas. O mesmo se situa na linha Psicanálise, teoria e dispositivos clínicos do Programa de pós-graduação em Psicanálise: Clínica e Cultura da UFRGS.

Seguindo essas trilhas, busco nos registros de minha experiência clínica o material sobre o qual me debruçarei ao longo dessa pesquisa. Desde dentro da clínica com surdos, tornava-se evidente para mim, que esta era uma prática realizada em língua estrangeira. Reconheço que uma língua carrega consigo também uma cultura e forma de visão de mundo. Portanto, pensar a clínica em Libras deve ser feito desde a ótica da cultura surda. Sendo assim torna-se fundamental que se recorra a pensadores surdos. Situo minha proposta de pesquisa no litoral (Lacan, 2003) possível entre a

psicanálise e os estudos surdos¹, promovendo a abertura de diálogo entre essas grandes áreas do conhecimento. Escolho o termo litoral por encontrar nele a possibilidade de criar interfaces entre a psicanálise e outros campos do saber. Conforme Ana Costa (2009, p. 26), o termo litoral “contém a referência lacaniana de territórios heterogêneos que, no entanto, situam na escrita seu ponto de amarração”. Litorais que permitem pontos de encontros e desencontros, convergências e divergências entre os territórios que se amarram. Assim, escrevendo por litorais, tentarei delinear as bordas de uma experiência clínica psicanalítica que se sustenta na escuta realizada simultaneamente em duas línguas, sendo uma visual-gestual – Libras – e outra oral-auditiva – Português. Experiência essa que é marcada pelo encontro entre analista ouvinte e pacientes surdos.

O **objetivo geral** desse estudo, portanto, é **interrogar e refletir sobre a clínica psicanalítica bilíngue e bimodal com surdos realizada concomitantemente em Libras e Português**. Além do mais, aponto como **objetivos específicos** dessa pesquisa: **investigar possíveis interferências do ouvintismo que possam se impor como resistência à escuta; buscar na teoria psicanalítica de orientação freudolacaniana elementos que venham a sustentar essa escuta**.

No campo dos estudos surdos, os termos *Surdo* e *Surdez* ora escritos com letra maiúscula foram adotadas para indicar caminhos conceituais opostos. *Surdo*, escrito com a letra maiúscula, “refere àquele que é membro de uma minoria linguística e cultural com atitudes, normas, valores e uma constituição física distintos” (Lane, 2002, p. 284). Por sua vez, *surdo*, escrito com a letra minúscula, faz referência à perda auditiva, deficiência, e outros discursos que não reconhecem a Surdez (Wrigley, 1997). Estamos aqui diante de um termo que, na forma como é escrito, denota o referencial discursivo e a perspectiva daquele que o usa.

Freud, ao longo de sua obra, indicou alguns conceitos da psicanálise que apresentariam variações ou discordâncias teóricas entre os estudiosos, conforme indica Trachtenberg (2013). A

¹Conforme Skliar (2016, p. 5) “Os estudos surdos se constituem como um programa de pesquisa em educação, pelo qual as identidades, as línguas, os projetos educacionais, a história, a arte, as comunidades e as culturas surdas são focalizados e entendidos a partir da diferença, a partir do seu reconhecimento político”.

forma como se referiu a esses conceitos foi se servindo de uma passagem bíblica² onde se usava uma palavra operada como código, ou senha, para distinguir os inimigos dos aliados. O termo em questão é *shibboleths*. A forma como era pronunciada a primeira sílaba – *Xibolet* ou *Sibolet* – indicava qual a procedência do fugitivo. No português, a palavra Xibolete leva o seguinte significado: “Som ou palavra de difícil articulação e cuja pronúncia trai a origem estrangeira da pessoa” (Xibolete, 2023).

Conforme Trachtenberg (2013, p. 56),

“O inconsciente, a teoria dos sonhos, a sexualidade infantil e o complexo de Édipo são, portanto, para Freud, os *shibboleths* que definem uma identidade: ser psicanalista. Estabelecem fronteiras demarcadas, não transitáveis, dividindo os "partidários dos adversários da psicanálise", os seguidores de seus fundamentos daqueles que os recusam ou que devem 'renunciar para sempre a compreendê-la'”.

No intuito de situar um estudo que lida com um tema pouco comum, e da forma como propomos nesse texto, estrangeiro à psicanálise, é fundamental que encontremos, além daqueles que Freud elencou, outros *shibboleths*. Nesse sentido, da mesma forma que os Gileaditas pedem aos Efraimitas que pronunciem a palavra *shibboleth*, com a finalidade de encontrar a marca fonética do estrangeiro, podemos perguntar àqueles que se aproximam do terreno da Surdez: como, leitor, você se refere ao tema, dizendo *surdo* – com a letra minúscula -, ou *Surdo* – com a letra maiúscula?

Reconhecemos que essa forma de escrever e marcar as diferentes abordagens teve sua importância e contribuiu para as lutas surdas por reconhecimento da cultura e identidade dos surdos. Com o tempo, porém, esse marcador na escrita foi deixando de vigorar de modo que se venha a respeitar a cada um na escolha de como deve ser feito o endereçamento. Além do mais, como aponta a pesquisa de Pudans-Smith et al (2019), não há consenso que venha a colocar de forma definitiva o uso dessas diferentes grafias. Apresentamos esse marcador com a finalidade de colocar em evidência as diferentes abordagens e familiarizar o leitor com as mesmas; ao longo, portanto, optaremos pelos termos *surdo*, ou *pessoa surda*.

²Juizes, Cap 12, Versículos 5 e 6: “Porque tomaram os gileaditas aos efraimitas os vaus do Jordão; e sucedeu que, quando algum dos fugitivos de Efraim dizia: Deixai-me passar; então os gileaditas perguntavam: És tu efraimita? E dizendo ele: Não, Então lhe diziam: Dize, pois, Chibolete; porém ele dizia: Sibolete; porque não o podia pronunciar bem; então pegavam dele, e o degolavam nos vaus do Jordão; e caíram de Efraim naquele tempo quarenta e dois mil”.

2. Introdução

A psicanálise e seus pressupostos, desde o início, habitualmente se sustentam em uma prática clínica realizada no modelo ouvintista³. Foi pela escuta das históricas, ouvindo a narrativa de seus sintomas, que Freud pode chegar às formulações sobre o inconsciente. Foi Anna O. quem forçou um giro na prática clínica psicanalítica. Exigiu que a deixassem falar, inaugurando assim a catarse como método clínico. Ao longo de seus estudos e descobertas, Freud foi deixando a hipnose para seguir com o método da associação livre, convidando o paciente a falar livremente sem se deixar interromper por julgamentos morais ou críticas que pudessem interferir no que estivesse sendo dito. Em contrapartida, Freud ficava também atento, mas de forma flutuante, à fala do paciente. Cansado do olhar de seus pacientes, Freud convida-os a se deitarem no divã, liberando assim o analista da visão dos pacientes permitindo ficar mais à vontade para se arremessar em sua escuta. Também se acredita que, livre do olhar do analista, o paciente possa ficar mais solto para se engajar em suas associações.

A partir daí, a prática clínica psicanalítica passa a ser associada a essa imagem: o paciente recostado em um divã, de costas para o analista que se mantém sentado logo atrás. Esse cenário preenche o imaginário quando falamos em psicanálise, quando a vemos em filmes ou outras representações. Todavia, essa disposição de corpos na sala de análise se torna impossível desde o momento que uma pessoa Surda entra na sala.

As línguas de sinais são essencialmente visuais e motoras. Dependem majoritariamente do campo visual. Como usar o divã com uma pessoa surda usuária de língua de sinais? Essa questão foi trazida por um paciente surdo que, ao entrar na sala, conforme ia se acomodando na poltrona, avistou

³ O tema será explorado mais adiante no texto.

o divã e perguntou: ‘o que é isso?’. Respondi que era um divã. ‘Para que serve?’, continuou. Serve para uma pessoa se deitar, caso ela prefira. Olhamo-nos compartilhando certo estranhamento e graça. Então ele respondeu: ‘eu não posso usar o divã. Sou surdo.’ Rimos. Então respondi: ‘De fato, os ouvintes conseguem fazer uma conversa estando de costas um para o outro, mas em Libras, isso não se dá. É preciso que estejamos um diante do outro’. Essa breve cena aconteceu num tom muito jocoso. Não foi encarada como algum tipo de limitação ou com qualquer tom que colocasse a impossibilidade do uso do divã como algo pejorativo. Compreendíamos que cada língua possui sua característica não sendo uma melhor que a outra.

Trazer as línguas de sinais para o *setting* descentra a prática de tradição ouvintista sustentada pelo uso de línguas orais. Isso significa que é preciso fazer uma expansão dos conceitos já estabelecidos. Tomo, por exemplo, a ideia de escuta determinada pelo som, a fala habitualmente considerada como oralizada, a palavra apoiada no arranjo acústico, todos esses elementos que compõem os pressupostos básicos da teoria e técnica psicanalíticas devem ser reconsiderados. Desde que a surdez e as línguas de sinais entraram no escopo psicanalítico, dos termos consagrados como ‘escuta’, ‘fala’, ‘palavra’, ‘representação-palavra’ entre outros, passou-se a serem exigidos outros significados. Portanto, a surdez e as línguas de sinais entram como um significante que opera uma torção, ou expansão nos significados já estabelecidos e sedimentados na bateria de significantes do imaginário psicanalítico.

Desde seu início a psicanálise é compreendida como a cura pela fala ou pela palavra. Mas a palavra que cura deve deixar de ter um referencial estritamente oralista e deve ser expandido para além da língua, ou línguas orais, abarcando também o uso das línguas de sinais. A palavra será compreendida, a partir de então, como a possibilidade de diálogo, e, por conseguinte, reconhecimento do outro. A palavra é o meio pelo qual se torna possível reconhecer a fala. A palavra somente existe quando for uma palavra escutada (Lacan, 1986).

As línguas de sinais são encaradas com estranhamento pelo ouvinte que as desconhece. É compreensível que assim seja, uma vez que a inclusão das línguas de sinais em estudos e a aceitação das mesmas pela comunidade em geral seja muito recente. Somente em 2002, a partir da lei 10.436, a Libras foi “reconhecida como meio legal de comunicação e expressão” (Brasil, 2002). Por esse motivo esse trabalho também apresenta como uma de suas metas tornar o tema acessível à comunidade psicanalítica. É sabido também que muito há por ser feito e, portanto, não há a pretensão de esgotar o tema.

O analista ouvinte é convidado a se desgarrar de uma teorização que erotiza o som para libidinizar as imagens visuais de um universo que se movimenta diante dos olhos. A escuta visual promove uma releitura da expressão coloquial ‘estar todo ouvidos’ para que no idioma possamos também acessar a comunicação gestual. A proposta de uma escuta visual tem por objetivo trazer aos ouvintes uma perspectiva outra oriunda de experiências com a comunidade surda. Como um aventureiro que conta suas histórias por terras estrangeiras, faço deste texto também testemunho.

Ainda que muitas vezes a surdez atrelada apenas ao aspecto auditivo, detectada por exames audiométricos seja uma forma muito comum de leitura, há algum tempo que a comunidade surda vem conquistando espaço no sentido de consolidar o ser surdo como um ser dotado de cultura, costumes e língua, tradições etc. Ser surdo deixa de ocupar um plano estritamente corporal e orgânico e passa a estar no mundo com uma complexidade própria. A surdez deixa de ser um saber dominado pela clínica médica do ouvinte e passa a ser uma epistemologia de domínio dos surdos.

Os desafios na prática clínica e pesquisa que conjuguem psicanálise e estudos surdos estão em atravessar a barreira do preconceito que sustenta no laço social a polarização entre surdos e ouvintes. Polarização essa que supõe uma hierarquia, categorias e normas de estar no mundo, priorizando umas em detrimento de outras.

Tendo isso em vista, é importante ressaltar que no campo psicanalítico inicia-se também a produção de textos, artigos e livros que venham a abordar o tema. Tendo em vista a emergência de produções sobre psicologia e surdez, ressalta-se o trabalho de revisão realizado por Jesaías Leite Ferreira Junior, Henrique Jorge Simões Bezerra e Edneia de Oliveira Alves (2021). Estes utilizaram as seguintes plataformas para realizar o trabalho de revisão de literatura: Scientific Electronic Library Online (SciELO); Periódicos Eletrônicos em Psicologia (PePSIC); Index Psi Periódicos; Portal de Periódicos Capes/MEC; e Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD). Como descritores, foram seis palavras-chave escolhidas: psicologia clínica; psicoterapia; saúde mental; surdez; deficiência auditiva; língua de sinais. Ainda que o mesmo não seja diretamente associado à psicanálise, por se tratar de uma pesquisa no campo da psicologia, na busca realizada, os autores perceberam que, dentro das publicações encontradas, o referencial psicanalítico prevalecia. Entre os doze trabalhos encontrados,

“sete deles apresentaram a psicanálise como fundamento, dentre os quais três são de abordagem Freudiana (Bisol & Sperb, 2010; Neves, 2018; Silva et al., 2012); outros três têm perspectiva lacaniana (Camargos, 2018; Halabe, 2018; Pinto, 2013); e um baseia-se numa abordagem winnicottiana (Buzar, 2015)”. (Junior, Simões & Alves, 2021, p. 546)

Os trabalhos encontrados variam em seus objetivos entre

“discutir diferentes abordagens teóricas que têm orientado o estudo da surdez (Bisol & Sperb, 2010); abrir um canal de reflexão e compreensão a respeito da clínica com sujeitos Surdos em sofrimento psíquico grave (Buzar, 2015); verificar a relação entre o desencadeamento psicótico e o implante coclear (Pinto, 2013); analisar o processo de construção psíquica em sujeitos Surdos usuários da língua de sinais e sua relação com seu desenvolvimento linguístico, e indicar possíveis considerações para o trabalho psicoterápico com essa população (Camargos, 2018); avaliar as possíveis modificações no método e na formação do analista que possibilitem ao sujeito Surdo ser “escutado” por meio da análise (Halabe, 2018); descrever as características e as adaptações técnicas que caracterizam o atendimento em psicoterapia psicanalítica realizada por profissionais ocupados com o universo da surdez (Neves, 2018); e compartilhar a experiência prática de grupoterapia com as crianças e seus familiares em grupos distintos, mas concomitantes (Silva et al., 2012)”. (Junior, Simões, & Alves, 2021, p. 547)

No que diz respeito às considerações finais e conclusões das pesquisas encontradas, os autores (Junior, Simões, & Alves, 2021) apontam para preocupação referente à técnica e adaptações da mesma para prestar atendimento à pessoa surda, além de focar a atenção no que diz respeito à subjetividade e constituição do surdo. Uma das produções ressalta que é fundamental investir na

formação do profissional que opte por atender os surdos. Corroborando com essa pesquisa, Neves (2018) conclui que não é suficiente, ainda que necessário, aprender a Libras, pois o surdo não se restringe à língua de sinais.

Os autores da revisão evidenciam um crescente aumento das produções relativas ao tema do atendimento às pessoas surdas a partir do ano de 2015, que coincide com a promulgação da lei brasileira da pessoa com deficiência (Lei nº 13.146, de 06/07/2015, Brasil, 2015). Desde então, passa a ser direito legal a remoção das barreiras de acesso e garantia dos direitos constitucionais a todo e qualquer indivíduo na sua especificidade. As pessoas surdas estão contempladas por essa lei e passam a ter seus direitos garantidos, incluindo atendimento médico e prestações de serviço atinentes à saúde mental. Não podemos deixar de ressaltar quão recentemente apenas as pessoas ditas com deficiência, e também os surdos passam a ter seus direitos garantidos por lei. O termo *portador* é usual no campo atravessado pela leitura médico-clínica sobre as deficiências. O que observamos é que o uso de termos como *surdez*, *deficiência auditiva*, *perda auditiva*, entre outras, colocam um foco sobre algo da ordem da condição clínica-orgânica. Também se evidencia um referencial pautado pela maioria ouvinte.

Já a Psicanálise com surdos situa-se em um campo oposto e que também faz oposição à psicologia da surdez (Solé, 2005). Sendo assim, compreendendo o sujeito do inconsciente, não é pela via do aspecto exclusivamente orgânico que se deve abordar o surdo, ou até mesmo tentar repará-lo. A escuta de pacientes surdos se dá pela via da singularização do sujeito, conforme sustentado pelos pressupostos psicanalíticos. Como temos explorado até então, uma leitura patologizante do surdo exclui a constituição subjetiva deste indicando que o surdo é apenas uma pessoa que necessita de reparo e adaptação do seu aparato acústico para ser reintegrado à comunidade.

É fundamental observar que todas as pesquisas apresentadas por Junior, Simões, e Alves (2021) concluem que é possível realizar o atendimento em Libras, que há pouco material sobre o tema, tanto no campo da psicologia quanto da psicanálise, e que as produções vigentes apresentam questões que dialogam entre si, ainda que não se perceba um diálogo entre os autores das diferentes

produções. Observa-se também, de acordo com a leitura de Junior, Bezerra e Alves (2021), que pouco acontece incidência de citações entre os autores pesquisados, podendo haver semelhanças nas referências utilizadas, mas não o intercâmbio entre as produções.

Em outro artigo intitulado ‘A escuta de sujeitos surdos na clínica psicanalítica’ (Almeida, Lima, & Roure, 2020), as autoras discorrem sobre a necessidade do aprendizado precoce da Libras pelo bebê surdo, reconhecendo que muitas vezes as famílias não têm instrução, não dominam o idioma, ou mesmo apresentam resistência a tanto, sendo assim, evitam aceitar a condição diferente da maioria familiar apresentada pelo bebê recém chegado. No que diz respeito ao atendimento psicológico, mais especificamente psicanalítico, enfatizam que o *setting* e a técnica devem ser reformulados, visando à adaptação do psicanalista para receber o paciente surdo. Esse texto corrobora com o que se têm apresentado nos trabalhos pesquisados conforme artigo de revisão supracitado.

Observa-se a sintonia dos temas, quando encontramos grande incidência de reflexões que levam a adaptações do *setting* juntamente com a necessidade do psicanalista aprender a língua de sinais. Além do mais, ficam evidentes as discussões a respeito das línguas de sinais em comparação às línguas orais. Também nesse campo se situa a necessidade de adequação do psicanalista, pois deixa de operar em uma língua oral que prioriza o uso da audição para lançar mão de uma língua que acontece no campo visual. É notável a preocupação dos autores em discutir essa questão, visto que a psicanálise de forma costumeira é reconhecida por operar a cura pela fala, em sua dimensão oral. Desde o recurso da teoria linguística a respeito dos significantes, fica evidente a não associação direta entre a fala e a língua oral. Lacan (2005) é categórico ao afirmar que a linguagem não é oralização. Quanto a isso, a tese de doutorado intitulada *O inconsciente e a Língua de Sinais: a (não)exclusividade da dimensão sonora na constituição do sujeito* de Souza (2021) é fundamental para levar adiante essas questões.

Ao longo da primeira parte dessa dissertação, abordaremos questões estruturais naquilo que marca o distanciamento e segregações na relação entre pessoas surdas e ouvintes. É fundamental estarmos atentos para esses aspectos, do contrário, corre-se o risco de seguir mantendo uma

objetificação do ser surdo, desde a leitura de um ouvinte. Luto por evitar a manutenção desse discurso e cair assim, em contradição no meu escrito. Todavia, reconheço que as estruturas de preconceito são o ponto cego da minha narrativa. Sendo assim, essa primeira parte também tem como objetivo situar o leitor e adverti-lo a respeito do ouvintismo e seus efeitos na interpretação sobre a Surdez. Também buscamos explorar o que foi apresentado como objetivo específico, ou seja, compreender efeitos de estranhamento presentes na relação entre Surdos e ouvintes. Uma vez tendo sido feita essa advertência, o leitor poderá acompanhar o desenvolvimento teórico-clínico que segue na segunda parte.

Na segunda parte, portanto, será feita uma investigação teórica a partir de um excerto clínico. Exploraremos aspectos atinentes à estrutura da língua de sinais e como poder escutá-la pela orientação psicanalítica. O objetivo principal dessa parte é colocar em evidência a prática clínica psicanalítica realizada em Libras em um contexto bimodal, e as possíveis articulações teóricas advindas da mesma. Além do mais, serão desenvolvidos os fundamentos para colocar em questão a perspectiva de uma escuta visual, voltada para as formações do inconsciente manifestadas em Libras.

Uma vez tendo sido feita a introdução do tema de pesquisa, além de apresentado o percurso realizado pelo pesquisador até chegar aqui, cabe agora avançarmos para a discussão metodológica. A seguir, portanto, voltaremos para o caminho metodológico utilizado nessa pesquisa.

3. Metodologia

A pesquisa psicanalítica, guardada sua distância em relação à perspectiva positivista, e tendo como pressuposto o imprevisível do inconsciente, “não poderia jamais exigir uma sistematização completa e exclusiva” (Iribarry, 2003, p. 117). Compreendo que esta sistematização não se dá de

forma estanque, mas dinâmica podendo-se repetir cada uma das etapas até a produção do texto final. Isso porque tomamos o inconsciente como objeto de estudo donde o acesso a este se dá por seus momentos de abertura, movimento de báscula, manifestações conforme suas formações, efeito estético de estranhamento, lapsos da fala, da escrita ou da leitura, chistes, sonhos (Lo Bianco, 2003; Lacan, 2020). Além do mais, o método psicanalítico, conforme Figueiredo e Minerbo (2006, p. 274), “consiste em efetuar certos recortes que não são arbitrários, pois vão sendo solicitados pela própria análise em andamento e se transformam à medida que a análise transcorre.” Essa descrição encontra ressonância quando se pensa uma pesquisa que considera a posição transferencial do pesquisador (D’agord, 2005).

Quanto à especificidade da pesquisa psicanalítica, Lo Bianco (2003, p. 120) comenta que “o objeto, ao se dar a ele certa consistência e divisar-lhe o modo de operação, é nesse mesmo movimento que se concebe o método de pesquisá-lo. Trata-se de um objeto que só pode ser apreendido no campo da práxis analítica”. Nesse sentido, o objeto não está posto *a priori*, da mesma forma que o método não se estabelece definitivamente num tempo anterior à pesquisa. Objeto e método de pesquisa vão sendo construídos, delineados conforme o avanço da pesquisa em consonância com a posição subjetiva do pesquisador. Este, como aponta Iribarry (2003, p. 122), “é o primeiro sujeito de sua pesquisa” e é fundamental que seja psicanalista.

Além do mais, o pesquisador em psicanálise também é herdeiro do método que emprega, podendo ele também estar atravessado pelas marcas e história do movimento psicanalítico. Aqui apontamos para a tradição oralista presente na psicanálise freudolacanianiana. Abordaremos esse tema mais adiante. Nesse sentido, vejo-me diante de um desafio, qual seja: atravessar a resistência ainda que eventualmente submetido a ela, tendo em vista que o objeto de estudo é ao mesmo tempo o que desperta o desejo para a pesquisa e o que se impõe como barreira para o andamento da mesma. Assim, no que diz respeito à posição subjetiva, ressalto que sou ouvinte e acredito que isso deve estar no horizonte da pesquisa, visto que reconheço a tradição ouvintista que perpassa o campo psicanalítico em que estou inserido.

Aproximar-se e tomar distância de seu objeto de estudo, pode ser um caminho possível para que transformações tanto no pesquisador quanto no objeto estudado possam acontecer (Figueiredo & Minerbo, 2006). O que nos leva a concordar com Lo Bianco (2003, p. 120), quando afirma que “o pesquisador está implicado de maneira indissociável do material que analisar”. Essa implicação se expressa conforme o pesquisador insere os seus significantes advindos da própria experiência com a pesquisa, a fim de produzir novos sentidos e teorias a respeito do material estudado (Iribarry, 2003).

Conforme Hermann (2004), um psicanalista está sempre a fazer pesquisa psicanalítica, tanto no seu labor diário no consultório *stricto sensu*, quanto em outras extensões deste, ou seja, faz pesquisa em sua atuação dentro ou fora do consultório. De acordo com o autor, a pesquisa psicanalítica pode ser comunicada em diversas formas tais como um relato clínico, ensaio teórico, explorações técnicas e correspondem a três gêneros de pesquisa: “a investigação clínica, o comentário teórico e a pesquisa empírica” (Hermann, 2004, p. 28). Nesse momento, estamos de acordo com o que diz Freud (1923/1976a, p. 287) a respeito da psicanálise: esta é

“(1) um procedimento para a investigação de processos mentais que são quase inacessíveis por qualquer outro modo, (2) um método (baseado nessa investigação) para o tratamento de distúrbios neuróticos e (3) uma coleção de informações psicológicas obtidas ao longo dessas linhas, e que gradualmente se acumula numa nova disciplina científica”.

Sendo assim, compreendo que tanto a investigação clínica, quanto o comentário teórico e a pesquisa empírica entrelaçam-se constantemente do decorrer das investigações do pesquisador – tornando difícil e, de certa forma, desnecessário que se definam individualmente, a não ser para fins didáticos.

Como organização metodológica, no intuito de empreender uma pesquisa psicanalítica, apóio-me na proposta de registro de pesquisa feita por Silva, Oliveira e Ferrari (2022). De acordo com as autoras, o registro da pesquisa se dá em três tempos: 1) Tempo da experiência; 2) Escrita do diário clínico; 3) Relato clínico.

O *tempo da experiência* corresponde “ao tempo do encontro com o campo, com o outro, com seus elementos de surpresa e encantamento, e com a experiência produzida nesse encontro” (Silva, Oliveira & Ferrari, 2022, p. 33). No que tange à presente pesquisa, entendemos que a experiência -

aqui - adveio do trabalho clínico do pesquisador desenvolvido com surdos, o contato com surdos e a comunidade surda. Nesse sentido, considera-se também aquilo que passa entre e através do encontro de um ouvinte e uma pessoa surda, inclusive no consultório de análise. O primeiro tempo da pesquisa se dá pela escolha do campo em que será situada a pesquisa. Reconhecendo que a clínica psicanalítica com pessoas surdas se apresenta como um campo muito vasto, foi fundamental definir e estabelecer um recorte da clínica do pesquisador para delimitar o escopo da pesquisa e, assim, haurir deste o objeto a ser pesquisado

O segundo tempo, *escrita do diário clínico*, diz respeito ao registro dos encontros, da experiência vivida no campo. Nas palavras das autoras sobre a escolha do termo, “pensamos na palavra “diário” por entendermos essa produção como algo que está para além de um relato descritivo, pretensamente objetivo” (Silva, Oliveira& Ferrari, 2022, p. 33). Assim, o relato também contempla as percepções de cada pesquisador, não se restringindo a um relato essencialmente objetivo dos acontecimentos e fatos. Nesse sentido, na presente pesquisa não foi utilizado um diário clínico, mas anotações e escritas clínicas de atendimentos já encerrados. Assim, estamos de acordo com o que afirma Silva e Macedo (2016) em referência à condição ética, visto que explorar o material *a posteriori* protege tanto o paciente durante o atendimento, quanto ajuda a evitar interferências do pesquisador sobre a condução do tratamento em andamento.

Recalcati (2018), ao discorrer sobre a presença dos livros e das leituras na vida das pessoas, compara a leitura com três imagens: uma faca, um corpo e um mar. Para o psicanalista italiano, um livro que se apresenta como faca é um livro que corta o sujeito leitor dando-lhe uma nova forma. Um livro-faca é aquele que impede que o leitor encerre a leitura com a mesma forma, o mesmo contorno de quando a iniciou. O fio da navalha do texto transforma o leitor.

Um livro comparado a um corpo faz da leitura um jogo de sedução. O livro corpo seduz o leitor e o convida a ler, não com o intelecto, mas com o calor da carne do corpo do texto. Um livro corpo deve fazer bater o coração do leitor, deve fazer o leitor querer lê-lo, olhá-lo, tomá-lo nos braços,

agarrá-lo junto ao peito. Não é assim, pegando o livro com as mãos, sentindo sua textura que desejamos consumi-lo da primeira à última linha?

Um livro-mar, imaginado assim, é aquele livro que se expande como abertura diante do leitor abrindo-o também para o mundo. Um livro que convida a leitura para além de onde o horizonte do olhar comporta. Um livro que somente pode ser lido ao se apresentar como abertura. Um livro, como o mar, só se aproveita quando está aberto. Não é assim, abrindo o livro diante de nós que podemos mergulhar na imaginação da leitura?

Por fim, o autor ainda se interroga a respeito do que seria, portanto o leitor, para cada um desses livros, ou melhor, o que seria ler um livro-faca/corpo/mar. Existe uma sugestão de resposta: ler um livro nesses termos é de fato ser lido pelo mesmo. É ter no encontro com o texto a experiência de que o leitor é produzido ao longo do processo de leitura, a cada linha, a cada novo parágrafo. É ser tomado pelo estranho sentimento de que o autor conhece as ideias, pensamentos e sentimentos do leitor. Quantas vezes, conforme avançamos algum estudo, passamos a encontrar entre os colegas, artigos e livros ideias que parecem ser exatamente iguais às que outrora cremos ser totalmente inéditas? Aproveito o caminho que Recalcati nos apresenta para pensar também a respeito da pesquisa por mim realizada.

Não poderíamos traçar paralelos entre o que o autor fala dos livros e a forma como o pesquisador lida com seu material de estudo? Entre tantos fragmentos de entrevistas, capítulos de livro, filmes assistidos e outras fontes materiais que utiliza para empreender o estudo, como o pesquisador faz para selecionar o material de que dispõe?

Algo chama a atenção: uma imagem, uma palavra, uma frase ou uma conversa. Aqui estamos diante de uma leitura pautada pela escuta (Iribarry, 2003). Portanto, é chegada a hora de descolar a escuta do aspecto acústico, fazendo-a deslizar por outros órgãos dos sentidos. A escuta visual da leitura de um texto, da comunicação em gestos, por exemplo. A leitura escuta, portanto, permite ao pesquisador percorrer o texto com a atenção flutuante. Eis que, num instante, o que era um texto qualquer passa a ser uma pista ou mesmo passa a ter grande valor para o que se busca. Um

acontecimento que nos faz acreditar que foi – de fato – o fragmento que se destacou, como que querendo se fazer notar entre tantos outros.

A escrita deve acompanhar o princípio da associação livre, não havendo ordem pré-estabelecida ou prioridade no material que vai ser produzido. Por esse caminho, o pesquisador será encontrado pelo material a ser estudado. A pesquisa ativa no caminho de encontrar o objeto, dadas as condições éticas da posição transferencial e o lugar da falta, leva a uma posição passiva no momento do encontro com o objeto. E assim se deu com a escolha do material que foi estudado.

Durante a escrita do material clínico, não houve seleção ou organização prévia do material, sendo apenas o momento de escrever livremente. Não coube ao pesquisador atentar para uma escrita objetiva do fenômeno, ou objeto a que se dispôs estudar. Com o objetivo de escolher o material clínico a ser utilizado como objeto de estudo, diferente de escrever diários clínicos, foram feitos relatos de diversos atendimentos realizados ao longo da experiência clínica do pesquisador. A partir da leitura destes, um foi escolhido, ou melhor, escolheu o pesquisador, para servir de material a ser explorado com maior profundidade. Como veremos adiante, trata-se de uma cena clínica com uma paciente surda bilíngue que falava de forma bimodal usando, ao mesmo tempo, Libras e português.

Por fim, é no terceiro tempo que o pesquisador se debruça sobre o material relatado e se dedica à teorização a partir de seus registros. Conforme as autoras, o terceiro tempo da pesquisa

“envolve a teorização metapsicológica, algo a ser trabalhado nas dissertações, artigos, trabalhos. Após o final do acompanhamento das turmas nas escolas, diferentes aspectos podem ser selecionados e então mais bem examinados no material disponível – diários clínicos, anotações, vídeos – permitindo um recorte, uma análise teórico-clínica” (Silva, Oliveira& Ferrari, 2022, p. 35).

Nesse tempo, portanto, coube ao pesquisador ler e reler o material escrito a fim de produzir sua teorização. A leitura do material produzido é herdeira da escuta. Escuta essa que mantém consonância com a escuta do inconsciente. Sendo assim, a mesma se dá pelo oposto de uma leitura objetiva, mas sustentada pelo princípio da atenção flutuante e corrobora com a ideia de ser também lido pelo material que se lê.

Por quanto tempo é preciso observar um fenômeno, quantas vezes se faz necessário ler um texto até que algo salte aos olhos? O poeta Carlos Drummond de Andrade oferece uma pista quando

escreve assim: ‘Convive com teus poemas, antes de escrevê-los. Têm paciência se obscuros. Calma, se te provocam. Espera que cada um se realize e consume com seu poder de silêncio. ... Aceita-o como ele aceitará sua forma definitiva e concentrada no espaço’ (Andrade, 2003, p. 25). Podemos dizer que essa proposta de escrita corrobora com o que Charcot ensinou a Freud (1893/1976b) convidando-o ao olhar atento. Freud fez dessa herança o próprio estilo transformando a atenção plena em atenção flutuante.

Para a presente pesquisa o pesquisador fez um trabalho de escuta do material, escuta essa que se apresenta de forma análoga à escuta do inconsciente. Nesse sentido, o pesquisador escreveu e reescreveu, leu e releu seu material com a atenção flutuante, deixando que o movimento de báscula do inconsciente se apresentasse como abertura.

É fundamental acrescentar a participação do grupo de pesquisa e o trabalho em conjunto com a orientadora da pesquisa. As trocas e os debates com os pares serviram como encontro com a alteridade e possibilidade de outras perspectivas a respeito da pesquisa. Contamos com a participação dos colegas pesquisadores, como *publikum* (Caon, 1994, conforme citado por Iribarry, 2003). Não recorremos a um grupo anônimo de leitura que ocupasse o lugar de *öffentlichkeit* (Caon, 1994, conforme citado por Iribarry, 2003) dado o sigilo necessário para a pesquisa. O trabalho do *publikum*, nesse sentido é de apontar marcas no texto lido que possam servir como pistas para o seguimento da pesquisa. Nesse sentido, é preciso considerar o encontro com o objeto, ou os achados da pesquisa também desde uma perspectiva de um encontro com uma alteridade radical (Derrida, 2003), totalmente outra em relação ao pesquisador. Por isso, é mister que o pesquisador aceite o caminho que o próprio objeto lhe impõe, sem forçar o objeto ao caminho que ele mesmo deseja. Submeter o texto à leitura de outrem, recorrer à escuta de uma alteridade é, com efeito, uma alternativa potente. Tomando como premissa a imprevisibilidade do objeto da pesquisa, uma vez que esse está de acordo com o inconsciente, podemos considerar também a imprevisibilidade do pesquisador. Por imprevisibilidade do pesquisador quero ressaltar que este, em sendo o primeiro sujeito da pesquisa, está marcado pela falta. Assim, a pesquisa foi levada adiante sustentada pela ética do sujeito,

construída sobre a égide da falta-a-ser. Sendo assim, considerando também o pesquisador como um ser em falta, sempre há um elemento desconhecido em si.

Como parte do percurso da pesquisa, apontando para os objetivos geral e específicos, compreendemos ser fundamental percorrer aspectos atinentes à história dos surdos e os modelos de relação estabelecidos com os ouvintes. Entendemos que muito do que se dá como restrição do surdo ao acesso aos consultórios de análise está relacionado com as marcas e efeitos dos discursos de dominação produzidos pelos ouvintes. Sendo assim, como antessala para a discussão teórico-clínica, debateremos a seguir sobre a surdez e o discurso colonial.

8. Considerações finais

A presente dissertação colaborou para o desenvolvimento e ampliação do campo psicanalítico. Isso se deu por trazer ao debate um tema pertinente, ainda que pouco explorado neste campo, a saber, a clínica com pessoas surdas. Nesse sentido, pudemos formular os objetivos da pesquisa, além de refletir e interrogar a prática clínica bilíngue em um contexto de fala bimodal em Libras e português.

Observamos, ao longo do processo de pesquisa que o surdo, ou melhor, a pessoa surda, descentra o ouvinte de sua posição hegemônica. A tensão gerada nesse encontro entre surdo e ouvinte, conforme discutido no texto, leva a dois caminhos distintos que marcam e conduzem também a formas distintas de abordagem do tema. Assim, evidenciamos a leitura pautada pela deficiência, por um lado, e a leitura pautada pela diferença, por outro. Compreendemos que o campo psicanalítico, por sua vez, carrega - muitas vezes - a tradição ouvintista e estranha a presença do surdo tanto nos desenvolvimentos teóricos, quanto em sua prática clínica. Isso fica evidente ao trazermos mitos relacionados à Libras e a manutenção destes naquilo que vem a ser uma teorização que no mais das vezes compreende a fala e as formações do inconscientes apoiadas na noção de que falar é articular sons. Além do mais, o uso de estereótipos, como vimos, se coloca como barreira ao simplificar,

generalizar e enrijecer as imagens que se constroem sobre os surdos, dificultando aberturas e limitando o acesso de surdos tanto na teorização quanto no exercício da clínica psicanalítica. Buscamos, portanto, nos estudos surdos e estudos linguísticos os elementos para contrapor e tensionar a tradição ouvintista, tornando possível uma discussão teórico-clínica que contemple a escuta do inconsciente manifestado em um contexto linguístico bilíngue e bimodal em português e Libras. Além do mais, apresentamos a estrutura fonética da Libras para familiarizar o leitor a respeito de como são formados os sinais e tornar possível que este pudesse acompanhar a discussão presente nesta dissertação. Compreende-se que é fundamental que o psicanalista que se interesse por desenvolver um trabalho clínico com surdos saiba a língua de sinais além de estar familiarizado com a história dos surdos e participar da comunidade surda local. Todavia, reconhece-se que este é um desafio para o psicanalista que se disponha a tanto, uma vez que esta é uma língua que, muitas vezes, ainda que desperte curiosidade, não desperta o interesse para estudos aprofundados. Assim, o presente estudo toca em uma dimensão política da prática clínica que vai além do consultório de psicanálise e alcança o tecido social.

Levando em consideração que o tema é estranho ao campo psicanalítico, abordamos aspectos do discurso colonial ouvintista com a finalidade de chamar a atenção para o leitor ouvinte a respeito dos efeitos que esse discurso pode ter na escuta e compreensão da teoria e clínica psicanalítica com surdos. Como ponto principal, investigamos a noção de estereótipo voltada contra os surdos e exploramos como essa leitura reduz e limita a imagem que se constrói dos surdos. Além do mais, apresentamos uma leitura crítica a respeito dos mitos que participam do imaginário ouvinte a respeito dos surdos e das línguas de sinais, e reconhecemos que estas se apresentam como elemento que se impõe e dificulta o acesso de surdos à psicanálise.

Uma vez que tomamos contato com esse aspecto do tema em questão, pudemos avançar para uma exploração teórico-clínica a partir da experiência de atendimentos do pesquisador. Como mencionado, o recorte clínico não se propôs a um estudo de caso, mas a servir de suporte para a investigação teórica a respeito de uma escuta não pautada exclusivamente pela audição e restrita às

línguas orais – marcada pelo ouvintismo -, mas aberta também às línguas de sinais. Todavia, não pudemos deixar de estar sempre atentos a possíveis efeitos do ouvintismo também presentes ao longo da pesquisa, o que se impôs como desafio durante o processo, e se impõe como desafio também para o todo e qualquer ouvinte que venha a se debruçar sobre o tema.

Para explorar e discutir nosso objeto de pesquisa recorreremos, portanto, a como se faz uma leitura de partitura musical como apoio para pensar uma escuta que pudesse contemplar tanto o canal oral-auditivo da língua portuguesa quanto o visual-gestual da Libras operando em paralelo. Foi fundamental para a investigação compreender que todas as manifestações do inconsciente, além das línguas utilizadas concomitantemente, devem ser lidas e escutadas sem hierarquização ou juízo de valor. Essa leitura contrapõe o ideal ouvintista que reconhece como via principal de comunicação o uso de línguas orais. Entende-se que essa abordagem só é possível quando compreendemos os efeitos do ouvintismo na escuta e podemos fazer com que esses não interfiram no trabalho do psicanalista tanto na clínica quanto na pesquisa.

Por fim, é possível dizer que o trabalho alcançou seu objetivo geral interrogando a prática clínica psicanalítica bilíngue com surdos realizada em contexto de fala bimodal em Libras e português e apresentou caminhos possíveis para a escuta do inconsciente para além das línguas gestual e oral, não apenas isso, mas também a possibilidade de escuta do inconsciente na presença de duas línguas concomitantes. Ainda assim, compreende-se que o tema não se esgota dado sua complexidade e a pesquisa abre caminhos para estudos futuros que possam contribuir também para o campo psicanalítico.

Referências

- Almeida, M. de P., Lima, P. M. R. de, & Roure, S. A. G. de. (2020). A escuta de sujeitos surdos na clínica psicanalítica. *Analytica: Revista de Psicanálise*, 9(17), 1-23. Recuperado em 06 de abril de 2022, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2316-51972020000200002&lng=pt&tlng=pt.
- Andrade, C. D. de. (2003). *A rosa do povo*. Rio de Janeiro: Record.
- Aristóteles (2006). *De ânima*. São Paulo: Editora 34.
- Aristóteles (2013). *Da Interpretação*. São Paulo: Editora Unesp.
- Battison, R. (1974). Phonological Deletion In American Sign Language. *Sign Language Studies*, 5, 1–19. <http://www.jstor.org/stable/26203099>
- Benvenuto, A. & Séguillon, D. (2016) Primeiros banquetes dos surdos-mudos no surgimento do esporte silencioso 1834-1924: por uma história política das mobilizações coletivas dos surdos. *Revista Moara*, 45, jan-jun, 60-78.
- Bhabha, H. (1998). *O local da cultura*. Editora UFMG.
- Bisol, C., Sperb, T. M. (2010). Discursos sobre a surdez: deficiência, diferença, singularidade e construção de sentido. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 26(1), 7-13. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722010000100002>
- BRASIL (2002). *Lei n. 10.436, de 24 de abril de 2002* (2002). Dispões sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. Brasília, DF. Recuperado em 14 de maio de 2020 https://www.udesc.br/arquivos/udesc/documentos/Lei_n_10_436_de_24_de_abril_de_2002_15226896225947_7091.pdf
- Costa, A. (2009). Litorais da Psicanálise. *Psicologia & Sociedade*. 26(1). Recuperado em <https://www.scielo.br/j/psoc/a/fF8CyF7f8McCYSGdSgkYj8t/?format=pdf&lang=pt>
- D'agord, M. R. de L. (2005) Um método para estudo e construção do caso em psicopatologia. *Ágora*. 8(1), 107-122. Recuperado em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982005000100008&lng=en&nrm=iso 09 de novembro de 2021.

- Derrida, J. (2003). *Da Hospitalidade*. São Paulo: Editora Escuta.
- Fanon, F. (2018) Racismo e Cultura. *Revista Convergência e Cultura, Dossiê: questão ambiental na atualidade, 13*, 78-90.
- Felipe, T. A. (2007) *Libras em contexto*. Rio de Janeiro: Wall Print Gráfica e Editora.
- Ferreira Jr, J. L., Bezerra, H. J. S., & Alves, E. de O. (2021). Atendimento psicológico à pessoa surda por meio da Libras no Brasil: Uma revisão de literatura. *Psicologia Clínica, 33*(3), 537-556. <https://dx.doi.org/10.33208/PC1980-5438v0033n03A08>
- [Ferreira-Brito, L. \(1990\). Uma abordagem fonológica dos sinais da LSCB. *Espaço, 1*\(1\), 20-43.](#)
- Figueiredo, L. C., & Minerbo, M. (2006). Pesquisa em Psicanálise: algumas ideias e um exemplo. *Jornal de Psicanálise, 39*(70). pp. 257-278.
- Foucault, M. (2012). *História da loucura*. São Paulo: Perspectiva.
- Foucault, M. (2008). *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro, Forense Universitária. (Trabalho original publicado em 1977-1078)
- Freud, S. (1969). Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 12). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1912)
- Freud, S. (1972). A interpretação dos sonhos. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 4). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1900)
- Freud, S. (1974a). Fetichismo. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 21). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1927)
- Freud, S. (1974b). O inconsciente. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 14). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1915)
- Freud, S. (1976a). Dois verbetes de enciclopédia. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 9). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1923)
- Freud, S. (1976b). Charcot. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 3). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1893)

- Freud, S. (1976c). A psicopatologia da vida cotidiana. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 6). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1901)
- Freud, S. (1976d). Fantasias históricas e sua relação com a bissexualidade. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 9) Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1908)
- Freud, S. (1976e). Fragmentos de um caso de histeria. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 7). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1905)
- Freud, S. (1976f). O Estranho. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 17, pp. 271-318). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1919)
- Freud, S. (1977). Os chistes e sua relação com o inconsciente. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 8). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1905)
- Frydrych, L. M. K. (2013). *O estatuto linguístico das línguas de sinais: a Libras sob a ótica saussuriana*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Halabe, D. J. E. (2018). *A psicanálise realizada em Libras: Demandas e desafios na clínica com pacientes surdos*. Tese de doutorado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- Hall, S. (2016). *Cultura e Representação*. Rio de Janeiro: Apicuri.
- Herrmann, F. (2004). Pesquisa psicanalítica. *Ciência e Cultura*, 56(4), 25-28. Retrieved March 30, 2023, from http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252004000400014&lng=en&tlng=pt.
- Iribarry, I. N. (2003). O que é pesquisa psicanalítica? *Ágora*.6(1), 115-138. <https://doi.org/10.1590/S1516-14982003000100007>
- Jakobson, R. (1969). *Linguística e Comunicação*. São Paulo: Cultrix.
- Klima, E., Bellugi, R. (1979). *The signs of language*. Cambridge: Harvard University.
- Lacan, J. (1998). A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar.

- Lacan, J. (1986). *O Seminário, livro I, Os escritos técnicos de Freud*. Jorge Zahar Editor. (originalmente publicado em 1953-1954)
- Lacan, J. (1985). *O Seminário: livro III, As Psicoses*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Lacan, J. (2001). *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Lacan, J. (2005). *O Seminário: livro X, A Angústia*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Lacan, J. (2020). *O Seminário, livro V. As formações do inconsciente*. Jorge Zahar Editor. (originalmente publicado em 1957-1958)
- Ladd, P. (2005) Deafhood: A concept stressing possibilities, not deficits. *Scandinavian Journal of Public Health*, 33 (Suppl 66), 12-17.
- Ladd, P. (2013). *Em busca da Surdidade I: colonização dos Surdos*. Portugal: Editora Surd'Universo.
- Lane, H. (1992). *A máscara da benevolência: a comunidade surda amordaçada*. São Paulo: Instituto Piaget.
- Lane, H. (2008). Do Deaf people have a disability? In. H. Dirksen& L. Bauman (Ed.), *Open your eyes: Deaf studies talking* (pp 277-292). Gallaudet University Press.
- Lo Bianco, A. C. (2003). Sobre as bases dos procedimentos investigativos em psicanálise. *Psico-USF*. 8(2). Pp. 115-123.
- Neves, J, T. P. (2018). *Psicoterapia psicanalítica com pacientes surdos: um estudo qualitativo sobre características e adaptações técnicas da prática* (Dissertação de mestrado) Faculdade de Medicina, Porto Alegre, RS, Brasil. Recuperado de <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/188898>
- Padden, C. & Humpries, T. (1988). *Deaf in America: voices from a culture*. USA: Harvard College.
- Perlin, G. (2016). Identidades surdas. In C. Skliar (Org.), *A Surdez: um olhar sobre a diferença* (pp. 51-74). Porto Alegre: Editora Mediação.
- Plutarco (2003). *Como ouvir*. São Paulo: Martins Fontes.
- Pudans-Smith, K., Cue, K., Wolsey, J. & Clark, M. (2019) To Deaf or not to deaf: That is the Question. *Psychology*, **10**, 2091-2114.
- Quadros, R. M, & Karnopp, L. B. (2004) *Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos*. Porto Alegre: Artmed.

- Quinet, A. (2012). Psicanálise e música: reflexões sobre o inconsciente equívoco. *Música e Linguagem – Revista do Curso de Música da Universidade Federal do Espírito Santo*. 1(1).
- Ramalho, S. (2019). Os surdos ainda são colonizados. *Youtube*. acessado em <https://www.youtube.com/watch?v=rdvHELwf8iM> 18/12/2021 às 21:30)
- Recalcati, M. (2018). *A libro aperto: una vita e i suoi libri*. Milano: Feltrinelli.
- Santos, V. E. S. & Caldas, H. (2018). A Voz na Surdez. *Psicanálise e Barroco em revista*, 16(2), 26-43.
- Sausure, F. (2006). *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix.
- Silva, C. M. & Macedo, M. M. K. (2016). O método de pesquisa psicanalítico e a potencialidade dos fatos clínicos. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 36(3). 520-533.
- Skliar, C. (Org.) (2016). *A Surdez: um olhar sobre a diferença*. Porto Alegre: Editora Mediação.
- Soares, P. A. S., Fargetti, C. M. (2022). Línguas indígenas de sinais: pesquisas no Brasil. *Liames*, 22, 1-14.
- Solé, M. C. P. (2005). *O sujeito surdo e a psicanálise: uma outra via de escuta*. Porto Alegre: Editora da UFRGS.
- Souza, M. W. de L. (2021). *O inconsciente e a Língua de Sinais: a (não)exclusividade da dimensão sonora na constituição do sujeito*. Tese de Doutorado, Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais.
- Stokoe, W. (1960). Sign Language Structure: An outline of the visual communication systems of the American deaf. *Studies in Linguistics*, **n8**, University of Buffalo.
- Stokoe, W. C. (2001). *Language in Hand: why sign came before speech*. Washington, DC: Gallaudet University Press.
- Strobel, K. (2009). *As imagens do outro sobre a cultura surda*. Florianópolis: Editora da UFSC.
- Trachtenberg, R. (2013). Cesuras e des-cesuras: as fronteiras da (na) complexidade. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 47(2), 55-66. Recuperado em 13 de março de 2023, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2013000200006&lng=pt&tlng=pt.
- Wrigley, O. (1997). *The Politics of Deafness*. Gallaudet University Press.

Xibolete. *In*: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7 Graus, 2020. Disponível em:
<<https://www.dicio.com.br/risco/>>. Acesso em: 18/03/2023